

## CINEMA E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM DISPOSITIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

*CINEMA AND EDUCATION: A PRACTICAL EXPERIENCE WITH DEVICES IN ELEMENTARY SCHOOL*

*CINE Y EDUCACIÓN: UNA EXPERIENCIA PRÁCTICA CON DISPOSITIVOS EN EDUCACIÓN PRIMARIA*

**Ana Lúcia Azevedo**

Doutora em Educação, UFMG

<https://orcid.org/0000-0002-6702-1231>

e-mail: [analuciaazevedo8@gmail.com](mailto:analuciaazevedo8@gmail.com)

**Bruno Teixeira Paes**

Doutor em Educação, UFRJ

<https://orcid.org/0000-0001-7925-2363>

e-mail: [bruno.paes@gmail.com](mailto:bruno.paes@gmail.com)

**Simone de Assis Costa**

Mestre em Educação, UFMG

<https://orcid.org/0009-0005-2935-3138>

e-mail: [simoneassiscosta@gmail.com](mailto:simoneassiscosta@gmail.com)

### RESUMO

O artigo apresenta reflexões e estratégias práticas desenvolvidas na oficina **Cinema Brincante**, realizada com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Belo Horizonte. A proposta integra o brincar, a criatividade e o cinema como elementos lúdicos de criação, relacionando-os à escola como um espaço de jogo e produção coletiva. A análise das vivências destaca a construção de subjetividades e a interlocução entre cinema e educação, reforçando a importância de práticas pedagógicas que unem arte, ludicidade e aprendizagem. A oficina evidenciou o potencial transformador do cinema como ferramenta educativa, promovendo a expressão criativa, a colaboração entre os estudantes e a ressignificação do ambiente escolar como um campo de experimentação e invenção.

**Palavras-chave:** cinema; educação; práticas pedagógicas; ensino fundamental.

### ABSTRACT

The article presents reflections and practical strategies developed during the *Cinema Brincante* workshop, conducted with a group of 3rd-grade students from a public school in Belo Horizonte. The initiative integrates play, creativity, and cinema as playful elements of creation, connecting them to the school environment as a space for collective play and production. The analysis of the experiences emphasizes the construction of subjectivities and the dialogue between cinema and education, highlighting the importance of pedagogical practices that combine art, playfulness, and learning. The workshop revealed the transformative potential of cinema as an educational tool, encouraging creative expression, student collaboration, and the reimagining of the school setting as a space for experimentation and invention.

**Keywords:** cinema; education; pedagogical practices; elementary education.

## RESUMEN

El artículo presenta reflexiones y estrategias prácticas desarrolladas en el taller **Cinema Brincante**, realizado con un grupo de 3º grado de una escuela pública de Belo Horizonte. La propuesta integra el juego, la creatividad y el cine como elementos lúdicos de creación, relacionándolos con la escuela como un espacio de juego y producción colectiva. El análisis de las vivencias destaca la construcción de subjetividades y el diálogo entre el cine y la educación, reforzando la importancia de prácticas pedagógicas que unen arte, ludicidad y aprendizaje. El taller evidenció el potencial transformador del cine como herramienta educativa, fomentando la expresión creativa, la colaboración entre los estudiantes y la resignificación del ambiente escolar como un campo de experimentación e invención.

**Palabras clave:** Cine; Educación; Prácticas Pedagógicas; Enseñanza Primaria.

## INTRODUÇÃO

Brincadeira é coisa séria, diz o dito popular. O ato de brincar em todas as idades, mas sobretudo na infância, é uma vivência importante para a socialização e a formação de subjetividades, estimulando a consciência corporal, mobilizando afetos, memórias pessoais e coletivas. O cinema é um potente objeto artístico, um recurso expressivo atual que pode agregar diferentes experiências ao universo lúdico das crianças. A escola é um importante ecossistema social, pedagógico comunicativo e cultural, que permite a abertura às múltiplas formas de ensinar e aprender.

A partir desses pressupostos organizamos o *Cinema Brincante*, uma oficina de formação audiovisual para crianças com enfoque nas suas possibilidades como recurso de valorização do repertório lúdico das crianças e como meio para estimular aprendizagens significativas.

Este artigo pretende compartilhar algumas reflexões e estratégias práticas que foram desenvolvidas na oficina de cinema relacionando leituras e outras experiências que remetem ao brincar, à criatividade, à escola como espaço de jogo e ao cinema como elemento lúdico de criação. Ao analisarmos as vivências construídas pela oficina, exploramos a escola enquanto esse campo de criação coletiva.

O projeto foi desenvolvido com uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental I da professora regente Simone de Assis Costa, da E. M. Paulo Mendes Campos (EMPMC). O “Cinema Brincante” aconteceu em três encontros na escola com a presença dos

mediadores e três encontros conduzidos somente pela docente. Nessas sessões, que abordaremos com mais detalhes no decorrer do texto, desenvolvemos o trabalho em três momentos: primeiro a exibição e discussão de curtas metragens brasileiros e estrangeiros, realizados por reconhecidos cineastas, por coletivos de cinema e por estudantes participantes de outras oficinas de cinema. O segundo momento estava voltado para experiências de criação audiovisual. No terceiro momento ocorreu de apresentação e o diálogo sobre os filmes produzidos pela turma.

Neste texto apresentaremos um relato analítico dessa experiência que esperamos poder inspirar outros(as) docentes a enriquecerem os currículos concretizados nas salas de aula com a incorporação de atividades criativas com cinema. Começaremos por apresentar uma identificação da escola e o perfil da turma em que foi realizada a oficina, em seguida falaremos da dinâmica dos encontros (a exibição dos curtas metragens selecionados para a atividade e a realização de exercícios de filmagem) para que, no fim, façamos uma reflexão a respeito das possibilidades de realização com o cinema no espaço escolar.

## **Identificação da escola**

A Escola Municipal Paulo Mendes Campos (EMPMC) foi criada em fevereiro de 1992 para atender à demanda de alunos de escolas particulares no bairro Floresta, em Belo Horizonte. Localizada em um prédio alugado pela Prefeitura, na Avenida do Contorno 1313, a edificação era antiga e mal conservada, o que gerava desafios logísticos e estruturais em seus quatro andares. Em 1995 a escola recebeu verba do Orçamento Participativo para a reforma do prédio. Ao mesmo tempo, foi iniciado o processo de implantação do Projeto Escola Plural na Rede Municipal de Ensino, que visava transformar profundamente a organização pedagógica das escolas. Em 1996, com o novo projeto, a escola passou a adotar a lógica dos ciclos de formação, oferecendo a conclusão do 2º ciclo, o 3º ciclo completo, e os Ensinos Fundamental e Médio Noturno. Esse modelo inovador representou uma grande mudança na metodologia de ensino e organização da escola, priorizando uma abordagem mais flexível e inclusiva.

A Escola passou por diversas mudanças de endereços, tendo funcionado por duas vezes, no prédio da Secretaria Municipal de Educação (SMED). Atualmente, encontra-se situada à Rua dos Aimorés, n.º 1600, no bairro Funcionários e faz parte do Centro de Educação Integral Imaculada Conceição e atende todo o Ensino Fundamental em período integral e a Educação de Jovens e Adultos no período da noite. Seu novo Projeto Político Pedagógico encontra-se em construção, com o objetivo de criar um ambiente educacional que seja cada vez mais inclusivo, democrático e transformador.

Durante sua trajetória, a EMPMC se destacou por sua ampla gama de projetos coletivos, envolvendo alunos, professores e a comunidade. Promoveu também Seminários e Congressos Políticos-pedagógicos, participou de intercâmbios, competições esportivas e realizou festivais interativos de esporte e cultura e olimpíadas.

O interesse da EMPMC em compartilhar suas ações pedagógicas em redes de trocas, seminários e congressos foi reconhecido e obteve uma honrosa referência textual na obra de 2004, “Imagens quebradas; trajetórias e tempos de alunos e mestres”, de Miguel Arroyo, professor universitário da UFMG, ex-Secretário Municipal de Educação de Belo Horizonte e principal proponente da Escola Plural. Esse reconhecimento destacou a escola como um exemplo positivo de boas práticas educacionais e de inovação no contexto da Escola Plural.

Assim, tendo em vista os princípios igualdade, equidade, liberdade, diversidade e pluralidade que norteiam a educação (Brasil, 1996), e pelos ideais de democracia e de solidariedade, a EMPMC continua a ser um exemplo de compromisso com a educação pública de qualidade e com a formação integral de seus alunos. Seus projetos, eventos e iniciativas pedagógicas contribuem para o desenvolvimento de cidadãos críticos e criativos, engajados com a sociedade e preparados para os desafios do futuro. Com sua história marcada por superações, inovações e conquistas, a escola segue em seu papel de transformar a educação e proporcionar oportunidades para todos os seus estudantes.

## Perfil da turma

A turma participante do Projeto “Cinema Brincante” se encontra no 3º ano do Ensino Fundamental, é composta por 25 alunos entre 8 e 9 anos, sendo 9 meninas e 16 meninos, com características e potencialidades heterogêneas, formando um ambiente rico em diversidade e aprendizado coletivo. Entre os alunos, temos 2 crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e 2 com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), os quais são acompanhados de perto por 3 auxiliares de apoio ao educando (AAE) e cujas necessidades específicas são reconhecidas e respeitadas. Além disso, há 4 alunos que ainda não estão alfabetizados, mas que possuem grande vontade de aprender e participam ativamente das atividades, buscando sempre se envolver e superar os desafios.

Figura 1: Registro da mediação da professora Ana Lúcia com a turma do 3º Ano do Ensino Fundamental da EMPMC.



Fonte: elaborado pelos autores

Apesar de enfrentarem dificuldades em ouvir tanto a professora quanto os colegas, a turma sempre demonstrou um espírito colaborativo e empenhado. A participação de todos foi constante, e a convivência com as diferenças se traduzia em respeito, paciência e cooperação mútua, na maioria das vezes.

Segundo a percepção da professora Simone, é um grupo que, com apoio adequado, consegue crescer e se desenvolver em diversas áreas, buscando sempre novos caminhos para a aprendizagem e a socialização. Esses e essas estudantes têm apreciação especial pelas artes e, nesse sentido, o Projeto Cinema e Educação foi bem acolhido por todos(as), que se envolveram com empenho, perguntando, ouvindo, apreendendo, criando e se divertindo. Em todas as semanas, nas quartas-feiras, dia dos encontros, os alunos e alunas

perguntavam para a docente se os mediadores viriam ou que dia eles e elas continuariam as filmagens.

## A dinâmica dos encontros

Ao longo das conversas, optou-se por trabalhar alguns fundamentos básicos da linguagem audiovisual, como o início do cinema, movimentos de câmera e planos, princípios da construção de história e roteiro por meio de uma perspectiva da experiência livre e do brincar. Há uma dimensão lúdica da prática audiovisual junto às crianças, seja na animação com que eles manipulam as câmeras ou nos movimentos que surgem quando exibimos suas produções. Então, ao organizarmos os materiais que seriam utilizados durante os encontros, tínhamos como horizonte a dimensão do brincar com a câmera e do brincar para a câmera.

Figura 2: Registros de dois momentos de filmagem com as crianças.



Fonte: elaborado pelos autores

O cinema, enquanto processo de aprendizagem na educação infantil, configura-se como uma ferramenta metodológica de grande potencial para o desenvolvimento do olhar, da criatividade e subjetividades infantis. Ao investirmos na experiência a partir da imagem enquanto linguagem central do cinema, buscou-se oferecer às crianças uma forma acessível e universal de comunicação, permitindo que explorem narrativas visuais mesmo antes de dominarem a leitura e a escrita. Através da experimentação com elementos como cores, formas, luz e movimento, as crianças poderiam desenvolver uma sensibilidade estética e uma capacidade crítica de interpretação, aperfeiçoando suas capacidades de expressão simbólica de ideias e de emoções. Essa prática não somente amplia seu

repertório visual, mas também fortalece habilidades cognitivas e emocionais, essenciais para o seu desenvolvimento integral.

Ao buscarmos explorar os fundamentos do cinema — como enquadramento, montagem, movimento de câmera e sonorização — teríamos por objetivo proporcionar um repertório rico e diversificado para a prática pedagógica. Na educação infantil, esses elementos podem ser adaptados de forma lúdica, permitindo que as crianças explorem noções básicas de narrativa e composição. Por exemplo, ao criar histórias em grupo, os alunos podem experimentar diferentes planos (close, médio, longo) para expressar contextos e emoções, ou utilizar a montagem para construir ritmo e significado. A sonorização, por sua vez, abre caminho para a exploração da relação entre som e imagem, ampliando a percepção sensorial e a expressão criativa. Esses fundamentos não somente introduzem as crianças à linguagem cinematográfica, mas também estimulam o pensamento crítico, a organização de ideias e a colaboração, habilidades fundamentais para o trabalho em equipe e a resolução de problemas.

O cinema transcende a mera exibição de filmes, transformando-se em uma prática pedagógica ativa e participativa. Ao produzir seus próprios vídeos ou animações, as crianças assumem o papel de protagonistas do processo criativo, fortalecendo sua autoestima e senso de identidade. Essa prática permite que explorem suas subjetividades, expressando visões de mundo, medos, desejos e sonhos criativamente. Além disso, o cinema promove a construção coletiva de narrativas, incentivando a negociação de ideias, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade. Ao assistir a filmes ou criar suas próprias produções, as crianças são convidadas a refletir sobre diferentes perspectivas, desenvolvendo empatia e uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor.

A exploração do olhar e das subjetividades é um dos aspectos mais significativos do cinema na educação infantil. Ao filmar ou ser filmado, a criança se reconhece como sujeito ativo, capaz de transformar realidades e compartilhar experiências. Essa prática não somente estimula o autoconhecimento, mas também fortalece a capacidade de expressão e comunicação. O cinema, nesse sentido, torna-se uma ferramenta poderosa para a construção de identidades e para a formação de sujeitos mais conscientes de si e do outro.

Além disso, ao integrar arte e ludicidade à educação, o cinema transforma a escola em um espaço de invenção, diálogo e descoberta, onde as crianças podem experimentar, criar e aprender de maneira significativa.

Dessa forma, consolida-se como uma prática educativa que vai além do entretenimento, contribuindo para a formação de sujeitos mais criativos, críticos e sensíveis. Ao trabalhar com a imagem e os fundamentos do cinema, a educação Infantil não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também promove o desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para interagir com o mundo de maneira reflexiva e transformadora.

A partir desses pressupostos gerais, a nossa proposta sempre foi buscar práticas que colaborassem com o desenvolvimento de um “novo olhar, nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar” (Moreira; Candau, 2005, p.157).

Consideramos que a experiência com o audiovisual no âmbito escolar, enquanto prática pedagógica, agencia dois tempos. O primeiro diz respeito a uma produção mais perceptível, cronológico e mensurável em relação ao tempo escolar, envolvendo a materialidade do tempo dedicado para a realização, exibição e construção de práticas no tempo da disciplina da professora. O segundo “tempo” está relacionada a uma experiência fílmica menos perceptível e imensurável, devida a importância das práticas e dos significados subjetivos construídos com, e pelos alunos ao entrar em contato com a linguagem audiovisual (seja por meio da exibição, discussão e produção) no processo de emancipação e pensamento crítico dos alunos.

Ainda no campo da percepção do cinema como potência no espaço e, na prática escolar, citamos Bergala (2008) que defende que, realizar um filme é estimular, entre os alunos, a socialização e a troca de experiências significativas. Todo o processo de elaboração, planejamento, filmagem, montagem e divulgação possibilita que seja desenvolvido um sentido de participação muito especial e expressivo para os alunos. Há também a questão da manipulação e percepção dos equipamentos de gravação, pois, conforme aponta Leblanc (2012) o uso das tecnologias contribui no processo de formação

de identidades e capacidades de perceber o mundo de forma crítica e socialmente consciente.

A ideia central do projeto buscou explorar uma parte de apresentação e exibição de curta metragens nacionais e alguns exemplos de filmes do primeiro cinema para trabalhar uma introdução a fundamentos da composição de imagem e do movimento. A seleção dos curtas estava voltada para produções realizadas por crianças e que representassem diferentes enquadramentos e posicionamentos de câmera. Essas exibições tinham por função despertar o interesse na turma, a experimentação e ao protagonismo na realização de pequenas gravações. A partir da exibição, o segundo momento consistia na apresentação de alguns conceitos e contextualização do cinema, visando trabalhar aspectos da gramática e da linguagem.

Para ilustrar os movimentos de câmera utilizamos fragmentos de filmes, principalmente animações, onde poderíamos destacar, na prática, como a escolha do posicionamento da câmera e seus movimentos interagem com a intenção do diretor em enfatizar emoções ou situações e os motivos pelos quais a noção de enquadramento é importante no momento da realização de um filme. Ao longo da exibição dos fragmentos, fazíamos questionamentos à turma a respeito de como eles percebiam as intenções que levavam ao uso de um plano detalhe, um plano americano ou um movimento de *travelling*.

## **A seleção e a exibição de filmes**

Ao longo do século XX, a percepção do cinema como recurso educacional evoluiu de uma abordagem restritiva e censurada, focada em conteúdos considerados neutros e patrióticos, para uma valorização da experiência estética e da crítica. No início do século, o cinema era visto como um recurso didático sob rigorosa vigilância, enquanto, na segunda metade, passou a ser reconhecido por seu potencial de formação crítica e reflexiva dos alunos. Hoje, o cinema é considerado um instrumento para promover uma pedagogia emancipatória, incentivando o letramento audiovisual e o aperfeiçoamento das capacidades de fruição dos espectadores.

As qualidades estéticas valorizadas na educação cinematográfica atual incluem a capacidade de impactar emocionalmente os espectadores, a fruição estética e a apreciação das diferentes camadas que constituem um filme. Essas dimensões formativas visam educar o olhar do espectador, o que pode favorecer a adoção de critérios mais exigentes em relação à arte cinematográfica, no que se refere às características das obras em geral.

Atividades de inspiração cineclubistas<sup>1</sup> podem contribuir bastante para vivências e aprendizagens de diferentes ordens para toda a comunidade escolar em qualquer nível de ensino. Cada sessão pode se tornar uma vivência prazerosa de educação audiovisual, desde que ocorra em um ambiente confortável, acolhedor e conte com uma mediação respeitosa e informada sobre os filmes e com metodologias que possam estimular a reflexão e o debate.

Nos encontros para assistir filmes todos, cada um por seus motivos, podem ser sensibilizados pelas narrativas ou impactados pelo tratamento estético dado ao tema, mobilizados pela urgência das questões abordadas, despertados para algum aspecto pessoal ou coletivo da existência para o qual ainda não havia atentado. Enfim, as reuniões em torno de filmes como disparadoras de reflexões, críticas, ampliação de repertório ou diversão, se bem planejadas e coordenadas, tornam-se experiências enriquecedoras para diferentes públicos. Sobre isso, Teixeira e Lopes salientam que

Ignorar a ambiguidade, a riqueza da linguagem cinematográfica para focalizar apenas os aspectos mais evidentes do filme, para ensinar conteúdos escolares, equivaleria a uma depreciação dessa obra de arte e um desperdício de uma boa oportunidade para engrandecer a formação que se realiza no espaço escolar.” (Teixeira; Lopes, 2017, p.10).

---

<sup>1</sup> Cineclube é um espaço de construção coletiva que reúne apreciadores de cinema para exibição de filmes, estudos e debates, com o objetivo de formar e difundir a cultura cinematográfica, além de se contrapor a fatores como: a tendência dos exibidores de dedicar a maioria das salas aos filmes de grandes estúdios. CINECLUBE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termos/80260-cineclube>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Por isso, o momento de seleção dos filmes é muito importante para criar oportunidades para que os e as estudantes possam ter experiências com o cinema para além do entretenimento.

A seleção dos filmes a serem exibidos no projeto foi feita pelos mediadores, privilegiando filmes do primeiro cinema e curtas-metragens brasileiros com temáticas comumente relacionadas às infâncias. Pretendeu-se uma aproximação com maneiras mais simples realização cinematográfica, mas que fossem ricas em termos expressivos, fossem estimulantes para a imaginação e mobilizassem a memória afetiva dos pequenos espectadores.

O uso de filmes de curta-metragem brasileiros na educação escolar configura-se como uma estratégia pedagógica de grande relevância, tanto por sua capacidade de dialogar com a realidade cultural do país quanto por seu potencial para estimular o pensamento crítico e criativo dos(as) alunos(as). Os curtas, em virtude de sua duração reduzida e linguagem dinâmica, são particularmente adequados ao contexto escolar, permitindo a integração de conteúdos audiovisuais de forma ágil e eficaz. Além disso, ao abordar temas diversos — como identidade, diversidade, memória e questões sociais —, esses filmes oferecem um repertório rico para a reflexão e o debate em sala de aula, contribuindo para a formação de alunos mais conscientes e engajados com a realidade que os cerca.

Do ponto de vista metodológico, curtas podem ser utilizados como ferramentas para explorar a linguagem cinematográfica, estimulando a leitura crítica de imagens e sons, bem como a produção de narrativas audiovisuais pelos próprios estudantes. Essa prática não apenas amplia o repertório cultural dos alunos, mas também promove a interdisciplinaridade, conectando áreas como arte e as demais disciplinas curriculares. Ao trabalhar com filmes que apresentam a diversidade cultural e regional do Brasil, a prática do cinema na escola fortalece o sentido de pertencimento e valorização das identidades locais, ao mesmo tempo, em que fomenta o respeito às diferenças.

Nesse sentido, a incorporação de curtas-metragens brasileiros no ambiente escolar vai além do entretenimento, assumindo um papel educativo que integra arte, cultura e cidadania. Assim, em todos os encontros exibimos e comentamos obras em curta-metragem, que além da qualidade artística, se adequavam perfeitamente aos nossos tempos com a turma na escola.

Iniciamos com a produção dos Irmãos Lumière, especificamente “A Chegada do Trem na Estação de La Ciotat” (1895)” e “O regador regado” (1895). Esses cineastas foram identificados por teóricos como pioneiros do cinema e a sessão realizada por eles em 1895, com o uso do cinematógrafo<sup>2</sup> é considerada um dos fatos que marcaram o nascimento do cinema tal como o conhecemos. São filmes essenciais, portanto, para que alunos e alunas começassem a conhecer a história do cinema. Além disso, as obras mostram um olhar que ressalta de forma realista e bem-humorada aspectos da vida cotidiana e de situações prosaicas, que nos parece bastante inspiradora, considerando as possibilidades de produção de filmes com poucos recursos técnicos.

Além desses filmes, exibimos e exploramos ainda algumas obras de Georges Méliès, artista inovador e criativo que utilizou técnicas de montagem e cenários suntuosos para contar histórias fantásticas e criar efeitos visuais impressionantes. E como último representante da fase do Primeiro Cinema, que se encerra por volta de 1930, mostramos alguns trechos de filmes de Charlie Chaplin, sobretudo dos filmes cômicos, mais ingênuos e divertidos, em que destacamos a expressão gestual marcante dos atores, os enquadramentos teatrais, o efeito da aproximação entre câmeras e atores, a composição dos planos e o uso recorrente da montagem alternada. Todos esses recursos podem ser apropriados e utilizados para criar um estilo com certa facilidade, no momento da realização feita pelos (as)estudantes.

Curtas-metragens brasileiros foram também levados para a sala de aula neste projeto, pois a defesa da inclusão de filmes nacionais nas atividades de formação e nas

---

<sup>2</sup> O cinematógrafo é uma máquina capaz de gravar, projetar e copiar filmes e revolucionou a forma como as imagens eram capturadas e exibidas em movimento.

práticas pedagógicas está ligada à necessidade de discutir sobre as representações sobre os brasileiros veiculadas através dos filmes nacionais, que abordam nossa história e fazem um retrato deste país na contemporaneidade, aproximando o público de produções culturais que podem contribuir para nosso autoconhecimento. Certa vez, o importante crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes disse sobre o cinema brasileiro: “convém lembrar, ainda, por menos agradável que se considere a asserção, que o cinema brasileiro nos exprime e revela.” (Gomes, 1966, p. 150). Essa razão talvez fosse suficiente para que a cinematografia brasileira fosse mais integrada às atividades com cinema nas escolas brasileiras, mas além dela, é preciso ainda considerar as qualidades artísticas de parte dessa produção. Não basta levar cinema brasileiro às escolas, é importante garantir que a diversidade dessa produção seja um critério de escolha para que não se repita nesse ambiente a situação de hegemonia cultural de certo padrão cinematográfico.

Esse cuidado se deve ao entendimento de que as práticas escolares devem se preocupar com o processo que Bell Hooks chama de descolonizar as mentes (Hooks, 2023), apresentando e se debruçando sobre histórias que contribuam para expor os mecanismos de opressão racial e realizando atividades estimulem o aperfeiçoamento das capacidades de apreciação crítica dos filmes assistidos. Espectadores, de modo geral, e em particular o público contemporâneo influenciado pelo forte processo de midiatização social consolidado no século XX, não têm uma relação passiva com produtos audiovisuais, como alerta Martín-Barbero (1997). Eles são agentes ativos no processo de recepção, que envolve a interpretação e ressignificação das mensagens cinematográficas, influenciadas pelas experiências, conhecimentos e valores de cada espectador. Mas a ampliação das habilidades de fruição consciente e crítica dependem também das possibilidades de acesso do espectador aos produtos que estimulem o desenvolvimento dessas capacidades.

Considerando essas questões apresentamos os curtas-metragens "A Menina do Algodão" (2003), dirigido por Kleber Mendonça Filho e "Disque Quilombola" (2012), realizado por David Reeks. O primeiro título é uma adaptação cinematográfica de uma lenda urbana muito popular entre o público estudantil há várias décadas, o que estimula a identificação dos espectadores. Apesar de ser um filme produzido no início da carreira do importante diretor e feito com poucos recursos, a estética da obra se aproveita dessa

precariedade para criar um clima de registro caseiro. Algo que poderia ter sido feito por câmeras de vigilância de uma escola e contribuem para dar um ar de autenticidade a uma trama sobrenatural bem simples, criando uma sensação de familiaridade com uma situação que hipoteticamente poderia acontecer com qualquer estudante. A imagem granulada, a iluminação deficiente dos ambientes e os cortes abruptos entre os planos ajudam a criar um clima sombrio e elevar a tensão do público infanto-juvenil, que costuma gostar de filmes do gênero terror. Mais um exemplo, agora brasileiro, de que um filme não precisa ter uma superprodução para ser considerado bom cinema e que podemos usar a simplicidade como elemento expressivo também nessa arte.

O segundo curta exibido aborda mais diretamente o tema central do nosso projeto. “Disque quilombola” é um documentário lançado em 2012, feito com recursos do Edital Curta Criança (MinC/TVBrasil). Nesse filme crianças da comunidade quilombola São Cristóvão, localizada na região do Sapê do Norte (ES) e crianças moradoras de uma comunidade do morro São Benedito, na cidade de Vitória (ES), são convidadas para a trocar informações sobre as suas vidas nesses espaços. Por meio da simulação de uma brincadeira bastante comum no passado, o telefone de latinha, as crianças conversam sobre seus hábitos cotidianos e sobre principalmente as suas formas de brincar. No decorrer do filme os dois grupos vão percebendo que apesar da distância física e das singularidades da cultura de cada comunidade, elas têm muitas coisas em comum.

Além de ser um belo exemplo da relevância cultural das brincadeiras infantis como material para a produção artística audiovisual, esse filme nos permitiu oferecer para a turma uma oportunidade para um exercício de fruição de uma obra pertencente à filmografia atualmente denominada Cinema Negro<sup>3</sup>. Lembrando que o cinema pode

---

<sup>3</sup> Ainda que a definição desse conjunto de filmes ainda esteja em progresso, é comum que a conceituação que aparece no manifesto Dogma Feijoadada (1999) propondo que as obras a serem reconhecidas por esse registro deveriam: ser dirigidas por um realizador negro; ter um protagonista deve ser negro; abordar temáticas sejam relacionadas com a cultura negra brasileira; falar sobre pessoas negras brasileiras comuns, evitando personagens bandidos e super-heróis. O Manifesto do Recife (2021) foi lançado durante o Festival de Cinema de Recife, propondo “aliança ampla geral e irrestrita entre negros, índios, brancos e amarelos” contra as imagens distorcidas das minorias e do país e reivindicando políticas públicas de apoio às produções de pessoas negras.

contribuir de forma significativa para o cumprimento da lei 10.639/03<sup>4</sup> durante todo o ano letivo nas escolas, divulgando histórias e perspectivas da população negra brasileira por meio de filmes estimulem reflexões sobre temas importantes relacionados à Educação das Relações Étnico Raciais (ERER) e como foram abordados nas obras.

Reiteramos nesse momento que o cinema na escola não precisa, nem deve servir a mera instrumentalização didática, nem ao puro entretenimento alienante. Ao contrário pode ser um meio de conhecer, valorizar e difundir produções fundamentais que além de denunciar problemas, incluam histórias que apontem novos horizontes, que apresentem variadas representações e autorrepresentações, para poderem influenciar positivamente o modo como vemos a diversidade que enriquece nossa sociedade.

### **A dinâmica com os dispositivos**

Considerando a relação entre o espaço lúdico construído no âmbito dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da potência de invenção e criação dentro da escola concordamos que, ao propor uma experiência de brincar aliada à produção de imagens, importa compartilhar com a turma alguns exemplos dos primórdios do cinema. Nesse sentido, apresentamos no primeiro encontro as primeiras invenções com cinema. A partir dos objetos óticos, as invenções da imagem em movimento (como o cinescópio, osciloscópio, teatro de sombras e alguns dos primeiros filmes dos irmãos Lumière). Destacamos, além da dimensão da invenção, o processo criativo e lúdico desses objetos. O importante era enfatizar a relação entre imagem, movimento, jogo, imaginação, tempo e espaço. Inspirados nessas questões apresentamos, além dos momentos de exibição de curtas e alguns dos fundamentos de planos e enquadramentos, a proposta dos dispositivos<sup>5</sup>, onde a turma vivenciasse, por meio das imagens, a possibilidade de produzir vídeos,

---

<sup>4</sup> A legislação que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. (Benedito; Carneiro; Portella, 2023)

<sup>5</sup> Dispositivos são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir sua escola, seu quarteirão, contar suas histórias. O dispositivo visa colocar o estudante em uma situação na qual ele pode definir o que deve ser visto na imagem e o que deve ficar fora de quadro. Trata-se de exercitar enquadramentos, pois o nosso olhar e nossos modos de ver são sempre parciais e localizados, recortes do mundo.

experimentassem planos e compartilhassem suas ideias. Como nossas atividades seriam desenvolvidas em três encontros, exploramos quatro dispositivos.

a) “minuto lumière”: o Minuto Lumière é um exercício bastante simples em sua estrutura, mas já antecipa boa parte de uma série de desafios da linguagem cinematográfica;

b) “câmera subjetiva”: esse dispositivo busca convidar o estudante a explorar diferentes planos e detalhes, principalmente ao perceber a variedade de cores, espaços, movimentos, comportamentos, visando aproximar os estudantes da diversidade que os cerca;

c) “Montagem na câmera”: a proposta é organizar a história, de maneira linear, a partir de uma sequência determinada de planos que devem ser registrados em ordem. Toda a narrativa audiovisual é construída diretamente no momento da gravação, com as cenas filmadas na sequência exata em que devem aparecer no produto. Essa abordagem valoriza a improvisação, a organização prévia e a tomada de decisões em tempo real;

d) “história de objetos”: valorizar a memória e a história oral; registrar e compor imagens que falem sobre outros tempos e outras formas de se relacionar com o mundo, sobretudo tradições e hábitos que têm sido transformados pela reconfiguração das cidades e do cotidiano.

Com o “minuto Lumièrè” desenvolvemos com a turma uma experiência que emulava o primeiro cinema. A regra era simples: um plano fixo, de 60 segundos, onde cada um iria selecionar um espaço e uma situação para ser registrada. Trabalhar a questão da escolha e recorte do plano (o que interessava ser registrado, o local e quem estaria em cena). A maioria do material produzido neste primeiro encontro registrou brincadeiras e danças em frente à câmera. Alguns optaram por dirigir seus “atores”, sugerindo que eles fizessem algum tipo de ação ou interação.

No dispositivo “câmera subjetiva”, a proposta era trabalhar o olhar e como a turma percebe o espaço da escola e a ocupação dos corpos por meio do brincar. A partir da proposta de pensar como registrar os espaços da escola, a turma se dividia em duplas e pensavam na forma e posicionamento da câmera; em que tipo de ação gostariam de registrar.

Figura 3 Cenas do dispositivo "câmera subjetiva".



Fonte: elaborado pelos autores

A proposta compartilhada com a turma é de que eles precisavam explorar esses espaços filmando pequenas sequências em que outro colega estaria brincando. Foram registrados planos no escorrega, na gangorra, de correria, de futebol e outras atividades que eles entenderam como importantes de registro. O nosso papel como mediadores foi sempre atentar ao grupo onde estaria o posicionamento da câmera, principalmente quando víamos que o maior intuito de parte do grupo era de sair e brincar e registrar os planos sem maiores cuidados. A experiência no pátio foi muito interessante, principalmente quando eles orientavam o que, e como, queriam registrar a ação. O aluno que estava registrando a ação precisava se atentar na forma e no enquadramento de como ele queria registrar aquele momento. Destacávamos que não bastava gravar o que acontecia, mas onde estaria o ponto de vista de quem assistirá ao filme.

Figura 4: Cenas da história criada pela turma por meio do dispositivo "Montagem na câmera".



Fonte: elaborado pelos autores

No dispositivo “Montagem na câmera” exploramos a dimensão de construção de narrativa, movimentos de câmera, direção e montagem. A montagem é uma técnica fundamental na construção da narrativa e a manipulação do tempo e espaço. Ao explorar a dimensão de combinação de diferentes planos em uma sequência coesa, trabalhamos com a turma a importância da continuidade lógica, emocional e do ponto de vista (por meio do movimento e posicionamento da câmera). A partir de uma história proposta pela própria turma, trabalhamos os elementos de cada uma das ações. Apresentamos e decupamos cada parte da história em cenas, estimulando o processo de tradução do texto em imagens. Nesse sentido, discutimos em grupo o que filmar e como filmar. Conversamos como esses elementos são fundamentais ao decidir como registrar uma determinada ação e história. Destacamos como a compreensão desses recursos enriquecem a narrativa adicionando profundidade e dramaticidade à história que está sendo contada; cria um impacto emocional ao trazer de um “Plano geral” para um “plano detalhe” ou um *close-up* em um momento específico.

Para Eisenstein (1990), a montagem não apenas organiza cenas, mas também cria significado através do conflito entre imagens. Por meio de uma “montagem de atrações”, que coloca duas imagens distintas em sequência, o espectador é levado a criar associações

mentais que amplificam o impacto emocional e intelectual da cena. Esse tipo de montagem visa provocar uma resposta emocional e/ou psicológica no público. Considerando as limitações de tempo e a dimensão do dispositivo, o desafio posto buscava organizar a gravação dos planos segundo a ordem cronológica da história. Cada plano foi filmado na ordem de exibição, o que facilita o processo de compreensão geral da atividade.

Ao propormos a experimentação por meio da organização de uma história, buscamos explorar o que Dohmann (2013) enuncia como o fluxo de sentidos a partir de imagens, objetos e histórias compartilhadas no espaço coletivo. “Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias.” (Dohmann, 2013, p.33).

A partir dos planos realizados, é possível perceber o pressuposto de Bergala (2008), que entende que realizar um filme é estimular, entre os alunos, a socialização e a troca de experiências significativas. Todo o processo de elaboração, planejamento, filmagem, montagem e divulgação possibilita que seja desenvolvido um sentido de participação muito especial e expressivo para os alunos. Leblanc (2012) aponta que o uso das tecnologias e o processo de formação de identidades e capacidades de perceber o mundo de forma crítica e socialmente consciente.

O dispositivo “história de objetos” foi elaborado buscando explorar a ideia de narração e depoimento a respeito dos brinquedos da turma. Aproveitando a semana temática do dia das crianças, foi proposto à turma que eles se filmassem contando sobre a experiência deles sobre brincar e brinquedos.

**Figura 5: Imagens do processo de filmagem do dispositivo "História de objetos".**



Fonte: elaborado pelos autores

Ao experimentar contar uma história a partir de seus brinquedos buscamos resgatar uma memória e formas do brincar. Objetos não apenas contam histórias sobre o contexto social, cultural e econômico de uma época, mas também carregam significados pessoais e coletivos que ajudam a construir uma narrativa mais rica e plural da história humana.

Para Walter Benjamin (2002), o brinquedo assume um significado simbólico e cultural profundo, representando não apenas um objeto de diversão, mas também um elo entre o mundo da infância e a realidade social e histórica. Benjamin explora a relação entre o brinquedo e o desenvolvimento da criança, observando que o brinquedo não é apenas um reflexo das necessidades e desejos infantis, mas também um produto da sociedade em um dado momento histórico. Ele argumenta que o brinquedo permite à criança uma forma de experimentar o real, como uma espécie de “mundo em miniatura”. Tal percepção é refletida, principalmente no relato de alguns alunos que levaram bonecos para o momento do dispositivo. Em suas falas, relataram que a forma como brincavam emulava situações e contextos do cotidiano, como o papel “mãe e filha”, “relações de amizade dentro da escola” e outras representações que reiteram o ponto de análise de Benjamin, onde o brinquedo é muito mais que um objeto de prazer para as crianças: ele é um ponto de contato entre a infância e a sociedade, um mediador da história e das transformações culturais, funcionando como um pequeno espelho do mundo.

Além disso, o brinquedo é um elemento central no processo de socialização infantil, facilitando a interação entre pares e a construção de vínculos afetivos. Por meio de jogos coletivos, as crianças aprendem a cooperar, compartilhar e resolver conflitos, desenvolvendo habilidades sociais essenciais para a vida em comunidade. O brincar também oferece um espaço seguro para a expressão de emoções e a elaboração de experiências, funcionando como uma linguagem universal que transcende barreiras culturais e linguísticas. Nesse sentido, o brinquedo não apenas reflete a cultura em que está inserido, mas também contribui para a sua transformação, ao permitir que as crianças experimentem novas formas de ser e estar no mundo.

## Considerações finais

Ao final da oficina “Cinema Brincante” esperamos que essa experiência tenha contribuído para o ambiente e os processos educativos desenvolvidos na escola ao procurar promover vivências favoráveis à construção coletiva de uma cultura cinematográfica mais diversificada e aberta às inovações, por meio da exibição de filmes importantes, porém desconhecidos do público escolar, de debates pautados pela escuta atenta e respeitosa, pelo estímulo à participação ativa dos e das estudantes como criadores e apreciadores de objetos culturais relevantes.

Observamos que as atividades desenvolvidas foram percebidas pela professora participante como práticas que estimularam o desenvolvimento e socialização das crianças, a troca de experiências significativas e a criatividade, permitindo que elas se envolvessem ativamente em todas as etapas do processo de criação cinematográfica, desde a elaboração até a filmagem e montagem. Além disso, proporcionou um espaço para a valorização do repertório lúdico e a formação de uma percepção crítica em relação ao mundo.

Para os professores que mediaram a experiência, avalia-se que os encontros na escola foram momentos enriquecedores em que puderam aperfeiçoar habilidades pedagógicas e foram desafiados pelos(as) estudantes e pela docente a criarem estratégias que contemplassem os propósitos da oficina e, ao mesmo tempo atendessem as expectativas, as possibilidades do público e da instituição, que tão generosamente acolheram a proposta.

Ao buscar explorar a relação entre cinema, educação e brincar, foi importante destacar a importância do brincar e do brinquedo no processo de construção da identidade da criança. A representação do brinquedo como elemento de construção social para a infância desempenha um papel fundamental na formação das identidades, na socialização e no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Os brinquedos não são meros objetos de entretenimento, mas artefatos culturais que carregam significados, valores e normas sociais, refletindo e, ao mesmo tempo, influenciando a maneira como as crianças compreendem e interagem com o mundo. Através do brincar, as crianças experimentam

papéis sociais, internalizam regras e constroem narrativas que lhes permitem explorar suas subjetividades e relações com o outro. O brinquedo, portanto, funciona como um mediador simbólico, que possibilita a transição entre o imaginário e o real, contribuindo para a construção de uma visão de mundo compartilhada.

Do ponto de vista sociocultural, os brinquedos são produtos de contextos históricos e sociais específicos, refletindo as expectativas, os estereótipos e as hierarquias de uma determinada sociedade. Por exemplo, a diferenciação entre brinquedos "de menino" e "de menina" reforça normas de gênero desde a primeira infância, enquanto brinquedos educativos podem transmitir valores relacionados ao desempenho e à competitividade. No entanto, o brinquedo também pode ser um espaço de resistência e transformação, permitindo que as crianças questionem e reinventem esses padrões. Ao brincar, elas negociam significados, criam narrativas e reconfiguram identidades, demonstrando a capacidade de agência mesmo em um contexto marcado por estruturas sociais preexistentes.

Portanto, a representação do brinquedo como elemento de construção social para a infância revela-se um campo fértil para a compreensão das dinâmicas culturais e identitárias que permeiam a experiência infantil. Ao reconhecer o brinquedo como um artefato cultural e simbólico, é possível valorizar o brincar não apenas como uma atividade lúdica, mas como uma prática socialmente significativa, que contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e capazes de interagir de maneira reflexiva com o mundo ao seu redor.

Outros aspectos podem ainda ser considerados para a avaliação positiva que fazemos dessa experiência que compartilhamos por meio deste texto. Reiteramos a importância dos profissionais que trabalham com cinema na escola estarem atentos para as múltiplas dimensões dos efeitos que o contato com as obras poderá causar nos(as) espectadores(as), considerando o potencial dessas atividades para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sensoriais e emocionais das crianças.

A imaginação, elemento fundamental para o crescimento infantil, segundo Lev Vygotsky (2018), pode ser estimulado de forma significativa por meio de recursos como as

brincadeiras e a literatura. Tomando como referência as ideias defendidas pelo autor, para refletir sobre o trabalho pedagógico com o cinema na escola, entendemos que este recurso pode causar efeitos semelhantes.

Contudo, assim como em outras atividades, não se trata apenas de proporcionar aos e às estudantes oportunidades de contatos com filmes, mas criar momentos nos quais eles(as) possam experimentar o contato com obras de diferentes culturas, épocas ou pontos de vista, enriquecedoras para seu repertório e de participar atividades pedagógicas como o cinema que estimulem a reinterpretação de vivências, a reflexão sobre diferentes perspectivas, a criação e a comunicação de suas próprias versões das narrativas. Pois segundo Vygotsky (2018), a imaginação não surge do nada, ela se alimenta das experiências vividas e construídas socialmente. Isso significa que quanto mais rica for a bagagem de vivências da criança, maior será sua capacidade de criar.

A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste em que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa. Seria um milagre se a imaginação inventasse do nada ou tivesse outras fontes para suas criações que não a experiência anterior. Somente as representações religiosas e místicas sobre a natureza humana atribuem a origem das obras da fantasia a uma força estranha, sobrenatural, e não à nossa experiência (Vygotsky, 2018, p. 22).

Assim, ao assistir aos filmes selecionados e refletir sobre eles, incentivados por exercícios planejados para este fim, trabalhamos com a dimensão emocional de ser espectador, despertando a sensibilidade para questões importantes da vida pessoal e coletiva por meio de narrativas fictícias, ampliando a capacidade de empatia e entendimento das emoções humanas. Da mesma forma, ao criarem suas próprias histórias cinematográficas, os alunos e as alunas puderam traduzir emoções em linguagem visual e narrativa, fortalecendo sua compreensão do mundo interno e externo.

Assim como a brincadeira possibilita a exploração de papéis sociais, os exercícios de filmagem propostos incentivaram a experimentação de novos personagens e situações. A dramatização de cenas, a criação de roteiros e a produção dos vídeos forma momentos de reelaboração de vivências, permitindo que os alunos e as alunas recriassem a realidade de maneira criativa e colaborativa.

Pensamos que as atividades realizadas também contribuíram para as aprendizagens no que concerne a linguagem, pois as construções narrativas fílmicas, com seus diálogos e suas de expressão específicas, são capazes de mobilizar aspectos importantes da comunicação verbal e não verbal. Além deste fator, a produção de curtas-metragens ou discussão de filmes em sala de aula são oportunidades valiosas para fortalecimento da capacidade de expressão porque permitem que os alunos e as alunas exercitem as capacidades de estruturação e apresentação de ideias.

Em síntese, consideramos que esse projeto de educação audiovisual foi exitoso em múltiplos aspectos e mais uma vez, corroborou a ideia de que as atividades para o aprimoramento das habilidades expressivas e de apreciação por meio da leitura e da produção de textos escritos e audiovisuais podem se constituir em apoios para uma e outra atividade. Reconhecendo que se a apropriação e reflexão sobre o mundo por meio do texto escrito segue sendo essencial para a elevação da mente e do espírito humanos, não podemos ignorar que os discursos audiovisuais e seus diferentes veículos de difusão têm também e, cada vez mais, impactado fortemente a vida das pessoas em todo o mundo contemporâneo.

### Referências Bibliográficas

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

BENEDITO, B. S.; CARNEIRO, S.; PORTELLA, T. **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.** São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2025.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação.** São Paulo: Editora 34, 2002.

BERGALA, A. **Hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2008. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v5i9.1603>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1603>. Acesso em: 26 mai. 2025.

BRASIL. Lei n.º 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, v. 131, n. 248, p. 1-9, 23 dez. 1996. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=23/12/1996&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=289>.

DOHMANN, M. (Org.). **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

EISENSTEIN, S. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

GOMES, P. E. S. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Paz e Terra, 1966.

HOOKS, B. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: editora elefante, 2023.

LEBLANC, P. B. Imagem e educação. In: D'ANGELO, M. (Org.), **A Escola entre Mídias: Linguagens e Usos**. Rio de Janeiro: MultiRio, 2012. Disponível em: [https://www.multirio.rj.gov.br/media/PDF/pdf\\_1236.pdf](https://www.multirio.rj.gov.br/media/PDF/pdf_1236.pdf). Acesso em: 30 mai. 2025

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Multiculturalismo: **diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, M. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

## NOTA SOBRE A AUTORIA

Todos os autores participaram da elaboração do texto.

Recebido em: 28/02/2025

Parecer em: 09/04/2025

Aprovado em: 21/05/2025